

AUTOLESÃO NA ADOLESCENCIA PELA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ESCOLAR.¹

AMANDA DE CASTRO JACOMINI ²

DIEGO LOPES ³

MARIA DA GLÓRIA RAMOS ⁴

RESUMO

A autolesão conhecida como automutilação, é um comportamento autodestrutivo deliberado que afeta principalmente adolescentes. A automutilação é multifatorial e não visa o suicídio. Pode variar de leve a grave e inclui métodos como cortes e queimaduras. Essa prática tem impactos emocionais, físicos e sociais significativos, afetando o ambiente escolar e a família. A Psicologia Escolar desempenha um papel crucial na abordagem da autolesão entre adolescentes. Este estudo exploratório utilizou a revisão de obras bibliográficas para analisar o comportamento da autolesão não suicida na adolescência sob a perspectiva do psicólogo escolar. O artigo enfatiza a importância da intervenção do psicólogo em colaboração com a família e uma equipe multiprofissional para promover o bem-estar dos adolescentes. Além disso, destaca a necessidade de mais pesquisas sobre a conexão entre automutilação e ambiente escolar, bem como a preparação dos professores para lidar com a situação. A prevenção desempenha um papel fundamental na adolescência, visando elevar a autoestima e ensinar habilidades para lidar com adversidades. Os professores devem estar atentos aos sinais de alerta de comportamento suicida e autolesão, e a escola deve ser um ambiente acolhedor com canais para que os alunos se expressem e busquem ajuda. No entanto, existem desafios na implementação eficaz da prevenção na escola, incluindo a falta de preparo dos educadores, a ausência de equipes de saúde mental nas instituições de ensino e a falta de abordagem interdisciplinar nos currículos.

Palavras-chave: adolescente, autolesão, psicologia escolar.

¹Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia das Faculdades Doctum da Serra, orientado pela prof.^a Ariadne Dettmann Alves.

²Graduanda do 10º período do Curso de Psicologia – REDE DOCTUM / serra- ES

³Graduando do 10º período do Curso de Psicologia – REDE DOCTUM / serra- ES

⁴Graduanda do 10º período do Curso de Psicologia – REDE DOCTUM / serra- ES

SELF-INJURY IN ADOLESCENCE FROM THE PERSPECTIVE OF SCHOOL PSYCHOLOGY.¹

ABSTRACT

Self-injury, known as self-mutilation, is a deliberate self-destructive behavior that mainly affects adolescents. Self-harm is multifactorial and does not aim at suicide. It can range from mild to severe and includes methods such as cutting and burning. This practice has significant emotional, physical and social impacts, affecting the school environment and the family. School Psychology plays a crucial role in addressing self-injury among adolescents. This exploratory study used a review of literature to analyze non-suicidal self-injury behavior in adolescence from the perspective of a school psychologist. The article emphasizes the importance of the psychologist's intervention in collaboration with the family and a multidisciplinary team to promote the well-being of adolescents. Furthermore, it highlights the need for more research into the connection between self-harm and the school environment, as well as the preparation of teachers to deal with the situation. Prevention plays a fundamental role in adolescence, aiming to raise self-esteem and teach skills to deal with adversity. Teachers must be aware of the warning signs of suicidal behavior and self-harm, and schools must be a welcoming environment with channels for students to express themselves and seek help. However, there are challenges in effectively implementing prevention at school, including the lack of preparation of educators, the absence of mental health teams in educational institutions and the lack of an interdisciplinary approach in curricula.

Keywords: adolescent, self-injury, school psychology.

INTRODUÇÃO

A autolesão na adolescência é um tema de grande relevância e preocupação no campo da saúde mental. Ela se refere a comportamentos deliberados nos quais os adolescentes causam lesões físicas a si mesmos, geralmente cortando, queimando, arranhando ou praticando outros atos de autoagressão. É importante entender que a

automutilação não deve ser confundida com tentativas de suicídio, embora ambas sejam indicativas de angústia emocional significativa.

A automutilação muitas vezes é uma forma de expressar emoções intensas e conflitantes que os adolescentes podem ter dificuldade em comunicar de outra maneira. Ela pode servir como uma válvula de escape para a dor emocional que estão experimentando. Alguns adolescentes relatam que a automutilação lhes proporciona uma sensação temporária de alívio das emoções avassaladoras, funcionando como um mecanismo de enfrentamento. De acordo com Danielle et al. (2020) muitos fatores podem contribuir para a automutilação na adolescência, incluindo conflitos familiares, ansiedade, traumas, bullying, orientação sexual e uso de álcool e outras drogas na família. Conhecer alguém que se corta, separação dos pais, rejeição materna, também são fatores que contribuem para a prática.

Os adolescentes que praticam a automutilação frequentemente tentam manter isso em segredo, tornando difícil para pais e professores detectarem o problema. Segundo Lara et al. (2021) sinais como o uso de blusas de frio em altas temperaturas, isolamento e sintomas de baixa auto estima, por exemplo. E reafirma que, conforme a literatura, a automutilação na adolescência é um sinal de que o adolescente está sofrendo emocionalmente, e não deve ser ignorada. A ajuda profissional é fundamental para ajudá-los a enfrentar seus problemas e encontrar estratégias mais saudáveis para lidar com suas emoções.

Para tanto, este artigo objetiva analisar o comportamento da autolesão na adolescência pela perspectiva da psicologia escolar, discutindo as principais estratégias dessa área para a prevenção da autolesão no ambiente escolar, e as possíveis causas da autolesão na adolescência e as medidas preventivas que podem ser adotadas no ambiente escolar, visando o bem-estar e a saúde mental dos jovens.

MÉTODO

Foi realizado uma pesquisa de revisão bibliográfica que percorreu obras pertinentes sobre a temática envolvendo livros, artigos, documentos e legislações.

A revisão bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científico. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 2002, p 44).

Trata-se de uma pesquisa de revisão e de caráter exploratório. Tem como objetivo analisar o comportamento da autolesão na adolescência pela perspectiva da psicologia escolar, discutindo as principais estratégias dessa área para a prevenção da autolesão no ambiente escolar, e as possíveis causas da autolesão na adolescência e as medidas preventivas que podem ser adotadas no ambiente escolar, visando o bem-estar e a saúde mental dos jovens.

A pesquisa exploratória pode ser definida como: uma pesquisa com objetivo de proporcionar mais familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícitos ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de instituições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (SELTIZ et al 1967, apud GIL,2002).

O enfoque será qualitativo, pois o estudo tem como objetivo uma sequência de atividades que envolve a redução dos dados, a categorização dos dados sua interpretação e a redução dos relatórios (GIL,2002). Permitindo uma análise aprofundada dos aspectos relacionados à autolesão na adolescência.

Foram utilizadas três combinações de descritores: Adolescente, autolesão e psicologia escolar, para a busca nas bases: Manual Diagnóstico e Estático de Transtornos Mentais – DSM 5, Portal de Periódicos Capes, PubMed, Lilacs, SciELO e PsycInfo. Inicialmente abordaremos alguns aspectos da autolesão na adolescência presentes na literatura e sua relação com o campo da Psicologia Escolar. Em seguida falaremos dos meios de prevenção. Foram analisados 22 artigos que serão descritos a seguir.

AUTOLESÃO E ADOLESCÊNCIA

A autolesão na adolescência, comumente conhecida como automutilação, é considerada um comportamento agressivo deliberado e autodirigido, sem intenção suicida consciente e por razão social ou culturalmente inaceitável. É um comportamento multifatorial que afeta particularmente adolescentes e tem importantes impactos emocionais, físicos e sociais a curto e longo prazo. (SILVA, 2022).

Segundo Gabriel (2020), a autolesão na adolescência é uma ação sem intenção de suicídio, que pode gerar ferimentos graves. Esses comportamentos estão relacionados a mecanismos de enfrentamento. Muitas vezes é usado para aliviar a tensão ou aliviar o sofrimento e é frequentemente associado a relacionamentos interpessoais negativos. Além do impacto na saúde e no desenvolvimento do indivíduo, autolesão é considerada um problema de saúde pública, pois afeta diretamente as relações do indivíduo e de sua rede social, principalmente a família. Também tem impacto nos serviços que enfrentam falta de recursos para lidar com problemas e sobrecarga.

Moreira et al. (2020, p. 3950) apontam que:

Alguns estudos investigam a neurobiologia da automutilação. Um achado importante indica que o eixo hipotálamo-pituitária-adrenal dos adolescentes com automutilação é hiporresponsivo, portanto, a secreção de cortisol é reduzida e pode desempenhar fator de vulnerabilidade desses indivíduos no estresse agudo.

De acordo com Gabriel (2020) Conforme preconizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência abarca o intervalo etário dos 10 aos 19 anos, compreendendo seu início no período de 10 a 14 anos e sua conclusão entre os 15 e 19 anos.

A adolescência não é apenas uma fase de idade, mas um período de intensas mudanças físicas, mentais, emocionais, sexuais e sociais. Durante essa fase, os adolescentes enfrentam desafios para atender às expectativas culturais da sociedade a que pertencem. Essas transformações são novas, surpreendentes e significativas para o indivíduo, dando à adolescência o status de uma fase repleta de "tempestades e estresses", sendo um período de crises. (SILVA, 2021).

Segundo Gabriel (2020) de modo geral, a adolescência não evidencia expressivas taxas de morbidade ou mortalidade em contraste com outras etapas da existência humana. Entretanto, há casos de pessoas que, ao atravessarem o período de transição de maneira acentuada e diante da exigência por ajustes significativos, podem experimentar certo grau de angústia emocional, potencialmente influenciando o progresso em diversas esferas, tais como a acadêmica, familiar e/ou afetiva.

Segundo Costa et al.(2020, p 3):

Neste processo, o contágio pode estar presente entre grupos de adolescentes, inclusive por características de grupalidade presentes nesse momento. Pode também se relacionar frente ao sofrimento emocional causado pela falta de atenção por familiares, amigos e até mesmo *bullying* em sala de aula ou nas dependências da escola.

Critérios diagnósticos para automutilação incluem recorrência de autoagressão física por cinco ou mais dias no último ano. A necessidade de justificar a ação para aliviar pensamentos ou sentimentos negativos, resolver problemas interpessoais ou criar um sentimento positivo. Sentimentos negativos precedem a automutilação e há uma sensação de alívio após o ato. (CARMO,2020).

Sant’Ana (2019, p. 124) afirma que, “a autolesão ou automutilação configura-se como uma ação deliberada e auto infligida que visa provocar danos a uma parte do corpo (por exemplo, cortes ou queimaduras) sem que haja intenção suicida [...].”

Segundo Moreira (et al., 2020, p. 3948) “a literatura aponta vários métodos e locais de automutilação sendo o corte citado como procedimento mais utilizado pelos adolescentes”.

Diferenças de gênero na automutilação: adolescentes do sexo feminino utilizam métodos de corte e arranhões em braços e pernas, enquanto adolescentes do sexo masculino usam métodos mais agressivos como bater a cabeça e se queimar, provocando lesões em peitos, rosto e órgãos genitais. As meninas tendem a usar métodos que envolvem sangramento, enquanto os meninos não. (CARMO, 2020).

Segundo Gabriel (2020, p 2):

Em geral, a adolescência não apresenta grandes índices de adoecimento ou mortalidade na comparação com as outras fases da vida humana. Mesmo assim, existem indivíduos que, ao passarem pelo

processo de mudança de forma intensa e diante da necessidade de novas adaptações, podem apresentar algum nível de sofrimento emocional, podendo afetar o desenvolvimento em diferentes áreas, como por exemplo, escolar, familiar e/ou afetivo. Esses fatores podem torná-los, assim, mais vulneráveis a condutas que causem, intencionalmente malefícios à sua saúde, como comportamentos autodestrutivos, que têm sido responsáveis pela maior parte de atendimentos de crianças e adolescentes em serviços de emergência.

Além do efeito na saúde e no desenvolvimento dos indivíduos, a autolesão é contemplada como uma questão de saúde pública, dado que incide diretamente nas relações do sujeito e nas pessoas integrantes de sua esfera social, notadamente em sua unidade familiar. Ademais, acarreta consequências nos serviços que enfrentam carências de recursos para enfrentar a problemática, gerando sobrecarga (GABRIEL, 2020).

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR

Em relação às expectativas de atuação do psicólogo escolar identificaram-se quatro categorias que representam essas expectativas em relação ao trabalho desse profissional:

O papel do psicólogo escolar inclui o conhecimento do contexto educacional e das normas institucionais, com o objetivo de propor ações preventivas e interventivas, influenciando transformações funcionais nas instituições de ensino onde atua. Além disso, em nível institucional, o psicólogo escolar deve refletir sobre o contexto ideológico, econômico e político, bem como sobre questões relacionadas à pobreza e injustiça, enquanto colabora para o desenvolvimento de uma educação mais democrática. (TESSARO et al. 2020)

Sobre a psicologia escolar, Andaló (2012) diz que:

A Psicologia Escolar vem sendo considerada até agora como uma área secundária da Psicologia, vista como relativamente simples, não requerendo muito preparo, nem experiência profissional. Dentro da instituição-escola é pouco valorizada, até mesmo dispensável, haja vista a inexistência de serviços dessa natureza, enquanto os de Orientação educacional e Supervisão escolar são previstos e regulamentados por lei.

No contexto dos processos educativos, o papel do psicólogo escolar envolve adotar uma abordagem histórica e crítica, reconhecendo a influência dos fatores sociais nas dificuldades de aprendizagem. É importante evitar a adoção de uma única explicação para tais dificuldades. Além disso, o psicólogo escolar deve estar ciente do contexto histórico e assumir um compromisso social e cultural, abandonando abordagens objetivas e psicologizantes. Para isso, é fundamental possuir conhecimento interdisciplinar e trabalhar com outros profissionais, não tratando os problemas escolares como isolados. (TESSARO et al. 2020)

Na prática, muitos profissionais concentram-se demasiadamente na Psicopatologia Clínica, tanto no aluno quanto em sua família, enquanto os educadores e familiares frequentemente desconhecem o papel do psicólogo escolar. Historicamente, a Psicologia Escolar focou em aplicar conceitos psicológicos aos problemas de aprendizagem e comportamento dos alunos, oferecendo orientação e treinamento aos professores. (DIAS; PATIAS; ABAID; 2012, p. 106)

O patrimônio humano da escola envolve a atuação preventiva do psicólogo escolar, que realiza análises psicossociais e influencia transformações nas relações entre alunos, professores, gestores, pais e a comunidade externa. Isso é feito por meio da mediação, conscientização dialética e capacitação, visando à prevenção e promoção da saúde mental e do bem-estar de todos os envolvidos no sistema educativo. (TESSARO et al. 2020)

Apesar da falta de recursos formais para lidar com o fenômeno e da falta de aprimoramento nos serviços de saúde escolar, os profissionais conseguem oferecer apoio emocional aos adolescentes por meio de escuta e acolhimento, estabelecendo vínculos significativos com eles (GABRIEL; et al., p. 6).

A conduta profissional do psicólogo escolar envolve a base nas teorias psicológicas sobre aprendizagem e desenvolvimento humano, o domínio dos conteúdos da psicologia escolar e a compreensão da psicologia escolar como uma ciência dialética. Ele deve realizar integrações teórico-metodológicas, ter conhecimento sobre o desenvolvimento infantil e aspectos psicopedagógicos, e colaborar com outras áreas do conhecimento. Sua prática deve ser ética, crítica e criativa, considerando os processos educativos ao longo da vida. (TESSARO et al. 2020)

Almeida (apud Sant'Ana, 2019, p. 129) aponta que “ao psicólogo escolar caberia focalizar o referido tema em projetos e palestras na tentativa de sensibilizar os adolescentes, envolvidos ou não com este padrão de conduta, para serem mais assertivos quanto à expressão de conflitos pessoais.”

Lara, et al. (2021) afirmam que o consumo precoce de álcool está ligado a comportamentos de risco, afetando o desempenho escolar e aumentando a probabilidade de automutilação ou suicídio. Problemas emocionais e o desejo de alívio do sofrimento são os principais motivos para esse consumo. A transição da infância para a adolescência requer atenção da família, escola e profissionais de saúde, pois o desenvolvimento do jovem é influenciado pelas expectativas dos outros.

De acordo com as análises, o ambiente escolar revela-se como um contexto onde a automutilação entre adolescentes é influenciada por fatores como bullying, histórico de automutilação entre amigos, deficiência intelectual, baixa escolaridade e rejeição pelos colegas. Esta realidade sugere que a escola não apenas pode ser um ambiente gerador de sofrimento, mas também possui um potencial significativo para oferecer apoio emocional, escuta atenta e reforço da autoestima e autovalorização aos adolescentes. (LARA; SARAIVA; COSSUL; 2021, p. 8).

O PAPEL DA ESCOLA E DOS PROFESSORES NA PREVENÇÃO DA AUTOLESÃO

Neste artigo, aprofundamos nos estudos no campo da Psicologia Escolar, com o intuito de entender a complexidade da atuação profissional nesse domínio. Para alcançar esse objetivo, propomos a compreensão da atuação do psicólogo no contexto escolar, com o intuito de destacar os benefícios que as intervenções deste profissional podem oferecer junto aos jovens e adolescentes durante a permanência no ambiente.

Ao conduzir esta revisão integrativa da literatura, torna-se evidente a importância do tópico da automutilação, dada a quantidade de artigos publicados. No entanto, é notável que as pesquisas que se concentram especificamente na conexão entre "automutilação", "escola" e "professor" são escassas. Esses resultados destacam a

necessidade de estudos que explorem a automutilação na adolescência, o ambiente escolar e a capacitação dos professores para lidar com essas situações.

De acordo com Gabriel (2020), a autolesão não suicida é uma ação que ocorre sem a intenção de suicídio, todavia resultando em ferimentos graves. Esses comportamentos estão vinculados a mecanismos de enfrentamento e são frequentemente utilizados para aliviar a tensão e reduzir o sofrimento, frequentemente associados a relacionamentos interpessoais negativos.

Para Silva (2021), adolescência transcende a mera faixa etária, representando um período marcado por profundas transformações físicas, mentais, emocionais, sexuais e sociais e durante essa etapa, os adolescentes encaram o desafio de corresponder às expectativas culturais de suas sociedades.

Essas mudanças são simultaneamente inéditas, impactantes e de grande relevância para o indivíduo, conferindo à adolescência o status de uma fase caracterizada por "tempestades e estresses", sendo um período de crises. Desta forma, o estabelecimento de conexões multidisciplinares entre os campos familiar, escolar e psicológico é essencial para resgatar o bem-estar e funcionamento saudável na vida dos jovens (BRITO et al ., 2020).

Considerando que os programas de prevenção escolar têm o potencial de reduzir significativamente o risco de suicídio, é importante que a avaliação leve em conta a possibilidade de aprimorar esses programas e integrá-los na formação de professores, de modo a capacitá-los a reconhecer e compreender os efeitos de curto e longo prazo dos sintomas de trauma. Todavia, a escola e os professores devem permanecer vigilantes em relação aos indícios de automutilação, como o uso de roupas pesadas em climas quentes, isolamento social e manifestações de baixa autoestima. Se identificarem um aluno com qualquer um desses sinais, é crucial que chamem tanto o estudante quanto seus responsáveis para uma conversa. Durante essa abordagem, é essencial que os profissionais da escola adotem uma postura acolhedora, evitando fazer julgamentos e demonstrando disposição para ouvir e compreender a situação do adolescente.

Muitas vezes, o sofrimento do aluno pode estar relacionado a desafios escolares, entre outros fatores e, uma conversa sincera e acolhedora pode contribuir para aliviar

a tensão que o aluno está enfrentando. Em casos mais complexos, a escola pode encaminhar o aluno para um profissional especializado, como um psicólogo, psiquiatra ou para um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), onde o caso pode ser avaliado e, se necessário, iniciar um tratamento até que a situação seja estabilizada.

Nesse contexto, é fundamental também que a escola, em colaboração com os professores, aborde a questão da automutilação, mesmo que não tenha identificado casos entre seus alunos. A prevenção desempenha um papel crucial, e atividades que visem a elevar a autoestima e desenvolver habilidades para lidar com adversidades são importantes, independentemente da presença de casos. Essas atividades podem melhorar a capacidade de expressão dos estudantes, permitindo que eles compartilhem seus sentimentos.

O objetivo da escola nesse contexto, é que os alunos se sintam acolhidos e ouvidos, e que haja diversos canais disponíveis para eles se expressarem, como atendimentos psicológicos, palestras, peças de teatro, música, filmes, conversas individuais e grupos de discussão. Educação e saúde estão intrinsecamente interligadas. A escola desempenha um papel fundamental com um ambiente propício para a implementação de intervenções precoces que visam garantir uma melhor qualidade de vida aos adolescentes, prevenindo a automutilação em estágios mais graves.

Embora ainda exista um tabu sobre o tema automutilação e o suicídio, principalmente quando envolve a adolescência. Por outro lado, esse tema é percebido de maneira simplista e tratado como “formas de chamar a atenção”. No entanto, essa percepção destaca a importância de implementar ações colaborativas nas escolas, envolvendo professores, famílias e alunos, com foco no reconhecimento e apoio apropriado a essas questões sensíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destaca que a automutilação em adolescentes está ligada a vulnerabilidades internas, fatores sociais e desafios emocionais, muitos dos quais ocorrem no ambiente escolar. Para melhorar a prevenção e tratamento, a escola deve compreender profundamente os mecanismos envolvidos nesse processo de

sofrimento, indo além da grade curricular. Para além da grade curricular, a escola, como ambiente de convívio, deve ser reconhecida como um lugar onde vidas, com suas complexidades e desafios, se desenrolam, e isso é de suma importância para um ambiente gerador de saúde

Nesse contexto, ressalta-se a premente importância do domínio que os docentes devem possuir em relação ao comportamento suicida manifestado pelos discentes. Essa aptidão compreende a habilidade de identificar os indícios de alerta, tais como o estado de melancolia, o isolamento social, questões familiares, bem como problemas escolares. A automutilação emerge como uma atitude autodestrutiva recorrente e a mitigação desse comportamento demanda a capacidade de discernir alunos sob risco, efetuar observação atenta, fomentar o diálogo, manter monitoramento constante e proporcionar respaldo através das redes de apoio, que incluem amizades, orientação profissional e apoio familiar.

Conforme os artigos especializados, surgem desafios substanciais na efetivação da prevenção, particularmente no âmbito escolar. Estes obstáculos abarcam a falta de aptidão dos educadores em identificar e correlacionar os indícios de alarme com o comportamento auto lesivo, bem como as complexidades associadas a abordar estudantes em situações de crise. Adicionalmente, destacam-se a ausência de equipes de saúde mental nas instituições de ensino e a escassez de discussão de temas interdisciplinares nos currículos escolares. Tais impedimentos reforçam a importância do investimento na capacitação docente e no suporte à saúde mental dentro das escolas, visando enfrentar de modo mais eficaz essa problemática delicada. Enfrentar o comportamento auto lesivo entre adolescentes de maneira holística, abrangendo não somente a vertente clínica, mas também a dimensão educativa e social, almeja, por conseguinte, a instauração de um ambiente escolar mais seguro e propício ao bem-estar, onde os jovens possam encontrar recursos para lidar com esse desafio complexo.

REFERÊNCIAS

ANDALÓ, C. S. DE A. **O papel do psicólogo escolar**. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 4, n. 1, p. 43–46, 1984. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931984000100009>. Acesso em: 09 out. 2023.

ANTUNES, M. A. M. **Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas**. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 12, n. 2, p. 469–475, 2008. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-10492007000100008, Acesso em: 4 jun. 2023.

BARBOSA, R. M.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. **Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas**. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 27, n. 3, p. 393–402, 2010. <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/HfFbGhyKP8vqpXtJFW9n9FP/?lang=pt>, Acesso em: 4 jun. 2023.

BRITO, Mara Dalila Leandro de Sousa et al. **Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores**. *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1-7, 2020. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2020-0109>.

CARMO, Julia; SILVEIRA, Pedro; VIGNARDI, Renan; CANICOBA, Gabriel; MOTA, Anna; MIZIARA, Carmen. **Autolesão não suicida na adolescência como fator de predisposição ao suicídio**, [s. l.], 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sej/article/view/172839/163508>. Acesso em: 3 jun. 2023.

COSTA, L. C. R. et al. **Autolesão não suicida e contexto escolar: perspectivas de adolescentes e profissionais da educação**. *SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)*, v. 16, n. 4, p. 39–48, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762020000400006. Acesso em: 03 jun. 2023.

DIAS, A. C. G.; PATIAS, N. D.; ABAID, J. L. W. **Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: algumas reflexões**. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 18, n. 1, p. 105–111, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572014000100011>. Acesso em: 09 out. 2023.

FONSECA, P. H. N. DA et al. **Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes**. *Arquivos brasileiros de psicologia*, v. 70, n. 3, p. 246–258, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300017 Acesso em: 3 jun. 2023.

GABRIEL, I. M. et al. **Autolesão não suicida entre adolescentes: significados para profissionais da educação e da Atenção Básica à Saúde**. Escola Anna Nery, v. 24, n. 4, p. e20200050, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/QyNHwtKW6hx3Xq9gTKgYKnh/?format=pdf&lang=pt> acesso em: 03/jun. 2023.

GIL, Antônio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <[http://file:///C:/Users/Gladstone/Dropbox/My%20PC%20\(DESKTOP-76RMH88\)/Downloads/6756-Texto%20do%20artigo-29341-1-10-0160919%20\(1\).pdf](http://file:///C:/Users/Gladstone/Dropbox/My%20PC%20(DESKTOP-76RMH88)/Downloads/6756-Texto%20do%20artigo-29341-1-10-0160919%20(1).pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2023.

KAMAZAKI, D. F.; DIAS, A. C. G. **Intervenções para Autolesão Não Suicida: uma revisão sistemática da literatura**. Contextos Clínicos, v. 14, n. 1, p. 228–251, 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/20925/60748608>. Acesso em: 3 jun. 2023.

LARA, Gianna de; SARAIVA, Eduardo Steindorf; COSSUL, Danielli. **Automutilação na adolescência e vivência escolar: uma revisão integrativa da literatura**. [s. l.], p. 1-15, 2 ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/BQzSdhJ48JZ48DbDqtwLynf/>. Acesso em: 20 set. 2023.

MCKENZIE, K. C.; GROSS, J. J. **Nonsuicidal self-injury: an emotion regulation perspective**. Psychopathology, v. 47, n. 4, p. 207–219, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24526099/> Acesso em: 3 jun. 2023.

MORAES, D. X. et al. **“Caneta é a lâmina, minha pele o papel”**: fatores de risco da automutilação em adolescentes. Revista brasileira de enfermagem, v. 73, p. e20200578, Disponível em: 2020. <https://www.scielo.br/j/reben/a/PHCSPVm5wQncdn6LfdxWV9K/?lang=pt> Acesso em: 27 nov. 2023.

MOREIRA, Érika de Sene et al. **Automutilação em adolescentes: revisão integrativa da literatura**. Ciência & Saúde Coletiva [online]. v. 25, n. 10 [Acessado 21 Junho 2023] , pp. 3945-3954. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.31362018>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.31362018>.

RUDDICK, Loraine et al. **Self-injurious, aggressive and destructive behaviour in children with severe intellectual disability: prevalence, service need and service receipt in the UK.** Research in Developmental Disabilities, London, v. 45-46, p. 307-315, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2015.07.019>

SANT'ANA, I. M. **Autolesão não Suicida na Adolescência e a Atuação do Psicólogo Escolar: Uma Revisão Narrativa.** Revista de Psicologia da IMED, v. 11, n. 1, p. 120, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpi/v11n1/08.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2023.

SANTO, M. A. DA S.; BEDIN, L. M.; DELL'AGLIO, D. D. **Self-injurious behavior and factors related to suicidal intent among adolescents: a documentary study.** Psico-USF, v. 27, n. 2, p. 357–368, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/VRvgFmWBKtdCg7jXrHwtrJD/abstract/?lang=pt> Acesso em: 3 jun. 2023.

SANTOS, E. A. DOS; PULINO, L. H. C. Z.; RIBEIRO, B. S. **PSICOLOGIA ESCOLAR E AUTOMUTILAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO.** Psicologia Escolar e Educacional, v. 25, p. e225761, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/xLhG6DdYmvq5CQKtPpFqCpF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 jun. 2023

SILVA, A. C. et al. **Prevention of non-suicidal self-injury: construction and validation of educational material.** Revista latino-americana de enfermagem, v. 30, n. spe, p. e3735, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/9twyyzXyZg7W7zZMx87rxgm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 jun. 2023.

SILVA, Aline Conceição; BOTTI, Nadja Cristiane Lappann. **Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: revisão integrativa da literatura.** Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, Porto, v. 18, n. 18, p. 67-76, 2017. <http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0194>

TURNER, B. J.; AUSTIN, S. B.; CHAPMAN, A. L. **Treating nonsuicidal self-injury: a systematic review of psychological and pharmacological** disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25565473/>. Acesso em: 3 jun. 2023.